
EDITORIAL

Aquilo que fomos no passado e que recebemos por herança patrimonial, o que os nossos antepassados construíram e que a nós compete melhorar, tudo é a nossa Pátria.

Nós, e a Nação, somos a vivência actual, em projecção ao futuro, dessa Pátria que o tempo não dilui e da qual brota uma História que nos influencia e um espaço geográfico por nós determinado. Valores estes que haveremos de desenvolver tendo em vista aquele futuro que não será nosso em exclusivo, mas pertença da própria Humanidade.

Nação é a Pátria viva da qual recebe identidade.

Pátria que não se repete, já que os fenómenos e o quotidiano são, sempre, diferentes e a Nação se comporta, no tempo, de modo algo diverso.

O Mundo aritmético de outrora, qual somatório de povos quantas vezes ditos Nações, vivêmo-lo hoje de forma acrescentada e passou a funcionar por sinergia de nacionalidades, em processo internacionalizante que caminha, inexoravelmente, em direcção ao concreto do universal humano.

Por isso a concertação internacional que nos acolhe, resultante da gestão das dependências, no contexto dos múltiplos inter-relacionamentos em que nos movemos, só terá nexos se universalizante.

O facto internacional, de expressão compreensível num porvir de mundialização cada vez mais conseguida, traduzirá um estágio intermédio, indispensável como matriz, mas sempre a partir de um real que são as diversas entidades nacionais.

Neste cenário, unicamente um espírito nacional verdadeiro, sentido, patriótico, servirá ao que se pretende afirmar universalizante entre os demais

Pode e deve ser-se nacionalista no internacionalismo, se se acreditar, com autenticidade reconhecida, na capacidade de dar aos outros um exemplo nacional que mereça ser seguido, desde que esse exemplo represente modelo de utilidade e de um Bem que contemple a universalidade humana, em oposição a um pretenso Melhor, normalmente imposto e egoisticamente nacionalizante.

Um tal modelo será, pelo menos, característica distintiva das Nações que, na sua História, viveram as experiências, os entendimentos e os contrastes das civilizações e dos povos que contactaram.

Será próprio daqueles que, tendo entendido tudo isto, que é o Homem, conseguiram harmonizar os contrários e os opostos, em convívio universalizante mas respeitador das diferenças, entusiasmando e motivando os outros, pela razão que não pela força, a tornarem-se eles próprios melhores e mais válidos, para o Bem da Humanidade.

Sempre assim foi e continua a ser.

E só estará ao alcance de quem, sentindo-se nacionalista verdadeiro, tenha por fé que ao seu nacionalismo, como exemplo e modelo, é intrínseco algo de bom para os homens, independentemente das coordenadas geográficas onde estejam.

Nacionalista por sentimento que se indentifique como livre e eticamente bem formado, pronto a doar-se por solidariedade, ofertando aos outros os valores duradouros e permanentes que enformem a sua História e conformem uma ideia, emitida por séculos, daquilo que, sendo benéfico para si e para os seus, também o será à escala universal.

Homem de formação ética insuspeita, mas provavelmente acusado de passadismo, numa sociedade hedonista que desconfie do altruísmo da doação, sem contrapartida, de um saber experimentado e superior.

Quiçá tido por místico no seio de uma sociedade que não compreenda a existência e plausibilidade de um conhecimento susceptível de tornar o Homem mais humano; ou que rejeite uma visão nacional, cristã naturalmente, de um melhor Mundo para todos, normalizado em função do que as partes produzirem e oferecerem como excelente.

Cidadão a sobressair dos nacionais, ao proclamar que a experiência da Nação, na plenitude da respectiva identidade, constitui um contributo positivo

para o Homem, mas correndo talvez o risco de ser apodado de chauvinista, se a sua mensagem de utilidade universal não for correctamente descodificada.

Mensagem de um nacionalismo antimito e não-xenófobo que reforce sinergicamente, por exemplar, um sentido de universalidade na convivência internacional, observada a primazia da diversidade político-cultural, secularmente apreendida e praticada pela Pátria de onde emana.